



## EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA<sup>1</sup>

Sacha Bianco dos Santos<sup>2</sup>  
Larissa Coutinho Luz Pinto<sup>3</sup>  
Olga Suelly Soares de Souza<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresenta o resultado da pesquisa qualitativa sobre Educação Sexual na Escola aplicado em um centro educacional estadual de Ensino Médio Técnico no município de Teixeira de Freitas – BA. Este trabalho baseia-se numa análise da educação sexual trabalhada na escola, o cumprimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação Sexual e fundamentada nos autores, tais como Freud (1976), Sayão (1997) e Fagundes, (2005). Os autores apresentam uma visão geral sobre a sexualidade da criança, a Educação Sexual na Escola e um breve resumo histórico da inserção da mesma na educação brasileira. Os resultados obtidos através dos dados coletados por meio de discussão e aplicação dos questionários foram de suma importância para as conclusões desse trabalho, reforçando a ideia de que ainda é difícil desenvolver uma abordagem efetiva e continua a cerca da Educação Sexual em sua transversalidade dentro do contexto escolar, e como a falta de preparação dos docentes para tratar da temática dificulta esse processo.

**Palavras-chave:** Educação Sexual; Sexualidade; Escola.

### INTRODUÇÃO

A Educação Sexual no sistema educacional brasileiro surgiu com o combate às práticas de autoerotismo - masturbação - e doenças venéreas, com enfoque na preparação da mulher para o desempenho tradicional do seu papel como mãe e esposa.

Entre as décadas de 20 e 30 os seguimentos sociais, a exemplo o movimento feminista, movimentaram diversas reivindicações sobre a introdução sexual dos jovens na escola. Em 1928 o Congresso Nacional de Educadores aprovou a proposta do programa de Educação Sexual nas escolas para crianças acima de 11 anos, porém, com a Igreja Católica com grande domínio sobre o sistema educacional brasileiro, o programa encontrou diversas barreiras que impediram seu avanço.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no componente curricular Prática Pedagógica III, como requisito parcial para aprovação no semestre em curso.

<sup>2</sup> Acadêmica do 3º período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus X.

<sup>3</sup> Acadêmica do 3º período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus X.

<sup>4</sup> Professora Doutora do componente curricular: Prática Pedagógica III, Curso Ciências Biológicas, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus X, orientadora do presente trabalho.



(COSTA, 1986)

A temática ganhou visibilidade na mídia na década de 60, entretanto, era uma imagem repleta de tabus, preconceitos e valores tradicionais. Com o Golpe Militar de 1964 instalou-se um sistema de moralismo puritano através da repressão e censura que impediu a implantação do projeto de lei proposto pela deputada Júlia Steimburck que tornava obrigatória a implantação da Educação Sexual nas escolas brasileiras em todos os anos escolares. (SAYÃO, 1997)

Segundo Guimarães (1995, p. 66) “O início da década de 70 caracterizou-se por um retrocesso ao puritanismo fechado e aumento da censura. Não havia uma lei proibindo a Educação Sexual, porém, temerosos administradores escolares esvaziaram os programas em escolas públicas”.

Entre as décadas de 70 e 80 houve um maior interesse dos profissionais de educação acerca da temática, o que possibilitou a realização de congressos sobre Educação Sexual, como o 1º Seminário Técnico de Educação Sexual, organizado pela BEMFAM (Sociedade Civil Bem Estar Familiar no Brasil), e o 1º Encontro Nacional de sexologia, organizado pela Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia. Porém, essas entidades reduziam a visão de sexualidade somente ao sexo, controle preventivo de doenças e a gravidez precoce. (GUIMARÃES, 1995)

#### Nas palavras de Louro

De fato, a partir da segunda metade dos anos 1980, no Brasil, passou-se a discutir muito mais a sexualidade (e a homossexualidade) em várias instâncias sociais, inclusive nas escolas. A preocupação em engajar-se no combate à doença (AIDS) fez com que organismos oficiais, tais como o Ministério da Educação passasse a estimular projetos de educação sexual, e, em 1996, o MEC incluiu a temática, *como tema transversal*, nos seus Parâmetros Curriculares Nacionais (os PCNs, a nova diretriz para a educação do País). (2008, p.36; grifo do autor).

Em 1997, O MEC propôs a inserção da Orientação Sexual como um tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental em todas as escolas do país. A introdução da temática da sexualidade nos currículos foi reforçada também pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, propondo uma abordagem entre o tema e as matérias curriculares tradicionais. Essa inserção possibilita novas discussões sobre sexualidade, porém, Martelli ressalta que:

Embora se considere relevante à importância do trabalho com o tema da sexualidade junto aos alunos e às alunas do ensino fundamental, prevalece, nos PCNs e nas práticas docentes, uma visão biologizante da sexualidade, descolada dos condicionantes econômicos, culturais, sociais, políticos e históricos. (MARTELLI, 2011, P.01)

A inserção da Orientação Sexual como um tema transversal nos PCNs gerou questionamentos entre alguns pesquisadores da área a respeito das terminologias "Educação Sexual

e Orientação Sexual" contidos neste documento.

Para Altmann e Martins:

[...] orientação sexual é um termo utilizado para indicar qual o sexo (masculino ou feminino) pelo qual uma pessoa sente-se atraída ou elege como objeto de desejo e afeto [...]. Educação Sexual, por sua vez refere-se a práticas educativas que têm a sexualidade como tema. (2007, p.132)

Deste modo, utilizaremos no decorrer do projeto a nomenclatura 'educação sexual', pois acreditamos que o termo 'orientação sexual' é inadequado para referir-se aos trabalhos e discussões sobre sexualidade em todos os níveis de educação (FURLANI).

Levando em consideração que as manifestações da sexualidade infantil podem ocorrer em diversos espaços sociais, e principalmente no âmbito escolar, concordamos que.

Ao não se garantir espaços e tempos específicos para tratar sexualidade, pode se colaborar pelo fortalecimento de concepções que supõem a sexualidade como assunto secundário, que não tem o devido valor, como status inferior a outras disciplinas, reforçando o caráter marginal que historicamente tem sido atribuído à sexualidade. (CARRADORE; RIBEIRO, 2006, p.100)

## **OBJETIVO GERAL**

Investigar como ocorre o cumprimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais relacionados à Educação Sexual na Escola.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Conhecer como o corpo escolar tem trabalhado a Educação Sexual;
- Utilizar a escola como um espaço de reflexão e discussão, onde os adolescentes podem expressar suas dificuldades, dúvidas e opiniões, contribuindo para a construção de um saber compartilhado;
- Debater sobre identidade de gênero, orientação sexual, iniciação da vida sexual, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos, (DST's) e outros assuntos relacionados à sexualidade.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **SEXUALIDADE INFANTIL**

Por muito tempo acreditou-se que a pulsão sexual - estímulos que se originam no corpo e



alcançam a mente – era ausente na infância e só era despertada na puberdade. Para Freud, isso se deu porque os autores que se ocuparam em esclarecer as propriedades e reações do indivíduo adulto se atentaram mais ao desenvolvimento humano em relação aos ancestrais– hereditariedade - do que à existência individual de cada indivíduo – a infância.

Sigmund Freud, em sua obra *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), deu início aos estudos a cerca da sexualidade infantil trazendo a teoria do desenvolvimento psicosssexual. Para Freud, os seres humanos, desde o seu nascimento, possuem uma pulsão sexual (libido) instintiva que se desenvolve ao longo da infância.

Durante o primeiro ano de vida, a região do corpo que proporciona maior prazer às crianças é a boca devido o processo de alimentação. Por este motivo as crianças tendem a levar tudo o que pega à boca.

Na fase anal, 2 a 4 anos aproximadamente, as crianças estão aprendendo a controlar os esfíncteres anais e bexiga. As contrações musculares causadas pela retenção das fezes e da passagem da mesma pelo ânus podem desempenhar uma estimulação intensa que causará prazer.

Aos 4 anos inicia-se a fase fálica, onde a atenção das crianças volta-se para a região genital. É nesse período que elas percebem diferenças anatômicas entre os sexos, então é comum que sintam curiosidade e interesse em ver os genitais das outras e exibir os seus. Essa fase é marcada pelo complexo de castração, em que as crianças acreditam que as meninas não têm pênis porque este órgão foi arrancado, e também o complexo de Édipo.

Dos 6 aos 12 anos a criança entra no estágio de latência, que é resultado das tentativas dos pais de punir e repreender as atividades sexuais em seus filhos. A energia psíquica da criança é direcionada para a escola, aquisição de habilidades, relações sociais não sexuais e o aprendizado de valores e papéis culturalmente aceitos.

Na puberdade inicia-se a fase genital, em que ocorre o estabelecimento da sexualidade genital com um parceiro apropriado. A frustração sexual em qualquer estágio de desenvolvimento psicosssexual pode gerar no indivíduo aflições que persistem na vida adulta, como uma neurose. (FREUD, 1905)

Portanto, levando em consideração as dificuldades e indefinições sexuais enfrentadas junto às modificações hormonais e anatômicas, faz-se necessária a abordagem dos assuntos a cerca da sexualidade para que o indivíduo possa ter uma maturação sexual mais rápida e de forma responsável.



A Educação Sexual é iniciada no meio familiar, porém o tema sexualidade é imerso em tabus e valores conservadores e religiosos que, através da repressão ou omissão, fazem com que as crianças e adolescentes tenham uma visão deturpada sobre o assunto. Vale ressaltar que:

A visão negativa da sexualidade, ligando-a ao pecado, a vergonha, as doenças e a infelicidade, tem sido um dos principais obstáculos ao desenvolvimento harmonioso e prazeroso da vida sexual. Quando os adultos exercem forte repressão sobre as atividades exploratórias da infância e da adolescência, a evolução afetiva e sexual pode vir acompanhada por um aprendizado exagerado de autocontrole. (OLIVEIRA & DIAZ 1998. P.124).

Portanto, para derrubar as barreiras criadas pela dificuldade da família em abordar a sexualidade, é preciso uma capacitação do corpo escolar para superar o modelo repressor da educação familiar, enfrentamento da sexualidade precoce e o estabelecimento de diálogo a cerca da temática para que haja um respeito às etapas do desenvolvimento humano e que as atividades sexuais sejam executadas com prazer, respeito e responsabilidade.

## EDUCAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR

Por muitos anos a sexualidade foi ignorada pelas escolas, pois, o ensino sofreu com uma grande repressão sexual na década de 50, com o domínio da Igreja Católica sobre o sistema educacional brasileiro, seguido pela tomada de poder pelos militares, com o golpe de 1964, que instalaram o moralismo puritano e de censura, que impediu o processo de implantação oficial da educação sexual nas escolas.

Em 1968 a deputada Júlia Steimburck, do Rio de Janeiro, apresentou projeto de lei à Câmara dos Deputados propondo a implantação obrigatória da Educação Sexual nas escolas do país em todos os anos escolares, contudo devido à opressão da ditadura o projeto recebeu inúmeras objeções. (SAYÃO, 1997)

Com o aumento alarmante de pessoas infectadas pelo vírus da AIDS e o alto índice de gravidez na adolescência, na década de 1990, se intensificaram o número de projetos e trabalhos sobre educação sexual desenvolvidos nas escolas.

Tendo em vista a dificuldade da introdução da educação sexual nas escolas, em 1997, O MEC propõe a inserção da Orientação Sexual como um tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental em todas as escolas do país. A inserção da temática da sexualidade nos currículos foi reforçada também pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, propondo uma abordagem entre o tema e as matérias curriculares tradicionais.



Os PCNs pontuam que a finalidade do trabalho de orientação é:

[...] Contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade sendo capazes de: [...] respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade; compreender a busca de prazer como um direito; conhecer seu corpo; valorizar e cuidar da sua saúde; identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes; identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos dos outros; proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores, evitar uma gravidez indesejada; tomar decisões responsáveis a respeito da sexualidade. (BRASIL, PCNs, 1998, P.311)

O recomendado pelos PCNs é que a sexualidade seja abordada de diversos pontos de vista, valores e crenças para que auxilie o aluno na construção de um ponto de auto referência através da reflexão.

Fagundes (2005, p. 14) ressalta que "a sexualidade é um elemento que constitui a existência humana e, como tal, precisa ser compreendida em sua totalidade". Com isso a autora reforça a ideia de que a educação sexual deve ser feita em sua transversalidade perpassando por fatores biológicos, psicológicos, religiosos e socioculturais, através da perspectiva que estes são grandes influenciadores sobre a formação da sexualidade devido aos valores tradicionais socialmente aceitos que são transmitidos.

## **METODOLOGIA**

Propondo investigar como ocorre a Educação Sexual, esta pesquisa qualitativa foi desenvolvida com base em Minayo e nos Parâmetros Curriculares Nacionais - Orientação Sexual.

A pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 2º ano médio/técnico do curso de enfermagem e uma segunda turma de 3º ano médio/técnico do curso de química numa escola da rede pública, localizada em Teixeira de Freitas – Bahia. Este local foi escolhido para desenvolver a pesquisa pelo índice de meninas abaixo de 18 anos grávidas e por desenvolver projetos, como o combate a AIDS.

Foram aplicados questionários para os discentes e docentes do Ensino Médio Técnico para sabermos de fato como é desenvolvida a abordagem dessa temática na escola e se a mesma é suficiente para sanar as dúvidas dos discentes. No segundo momento, aplicamos um projeto de intervenção na referida instituição, que teve como tema a Educação Sexual na Escola, enfocando as dimensões psicossociais, biológicas e culturais. Tendo em vista que a sexualidade não deve ser estudada apenas no seu aspecto biológico – reprodução humana e hereditariedade – pois a

construção da sexualidade sofre forte influência dos padrões de comportamento socialmente aceitos que são impostos na realidade a qual estamos inseridos e a cultura repressora ou fortemente erotizada também contribui para delinear essa construção. Vale ressaltar que os docentes e discentes foram identificados por letras do alfabeto, para garantir sigilo.

Escolhemos esse tipo de mecanismo com o embasamento em Marconi & Lakatos (1996, p.88), como transcrito adiante: Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados será efetuada através do uso de gráficos, que incluem os objetos de estudo dessa pesquisa. Os gráficos são feitas em função da porcentagem das respostas obtidas, sendo separadas por gênero. Devido ao pequeno número de alunos nas turmas que foram objetos da pesquisa, os dados estarão sempre analisados em conjunto.

### PERCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Ao se questionar a importância de ter uma Educação Sexual dentro do âmbito escolar, a maioria dos alunos da amostra (Homens/Mulheres) posicionou-se de forma positiva tendo em vista a dificuldade da família em abordar essa temática e a facilidade de se encontrar informações errôneas.

“É importante, pois é uma maneira saudável e confiável de obter informações sobre.”

– Discente A

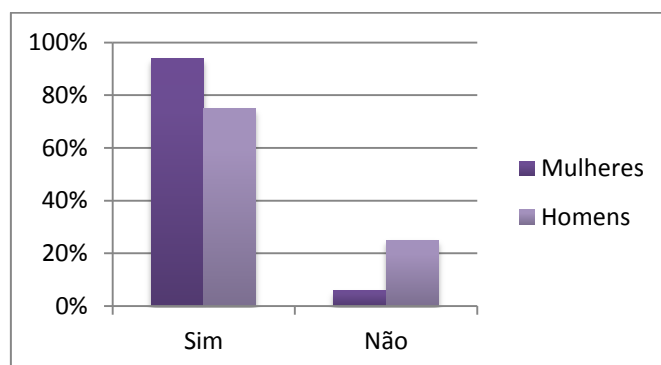


Gráfico 1 – Percepção de todos os alunos sobre a importância da Educação Sexual na escola.



Em contraposição, alguns alunos acham que a Educação Sexual deve ser feita no ambiente familiar, pois assim evitaria constrangimentos, porém alguns deles disseram nunca ter conversado sobre o assunto com a família. A maioria destes era de famílias de religiões mais tradicionais.

“Não, acho que esse assunto deve ser tratado em família.” – Discente B.

## VISÕES DOS DISCENTES SOBRE O ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO SEXUAL DA ESCOLA

Ao serem indagados sobre a abordagem da sexualidade dentro da escola, 79% dos discentes afirmaram que suas dúvidas não eram totalmente sanadas. As questões só são discutidas em eventos pontuais, como o Dia Mundial de Luta Contra a AIDS e Dia Internacional da Mulher, ou quando o assunto surge durante uma aula, e voltados apenas para o aspecto biológico da temática.

## TEMÁTICAS TRABALHADAS NA EDUCAÇÃO SEXUAL DA ESCOLA

Ao pontuarem as temáticas acerca da Educação Sexual que são abordadas na Escola, é notória a visão biologizante a qual esse tema é trabalhado. Assuntos biológicos e de saúde como puberdade, reprodução, DST's, métodos contraceptivos e gravidez fizeram-se presente na maioria dos questionários. Enquanto temas voltados ao cultural e psicossocial como orientação sexual, prostituição, abuso sexual e masturbação são fortemente ocultados, o que demonstra resistência do corpo escolar em abordar esses assuntos repletos de tabus.

## POSICIONAMENTOS DAS DOCENTES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

A Educação Sexual nas escolas foi pontuada como de grande importância para o esclarecimento de dúvidas das crianças e adolescentes e para que seja construída uma vida sexual responsável e segura. Algumas professoras afirmaram já terem abordado temáticas relacionadas à sexualidade em suas aulas.

“É importante que aconteça, pois adolescentes da atualidade são “incentivados” a praticar sexo, muito sexo. Propagandas, novelas, filmes, despertam a sexualidade e sensualidade muito precocemente.” Docente de Biologia



## VISÕES DAS DOCENTES SOBRE A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA ABORDAREM AS TEMÁTICAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Ao serem questionadas sobre a Escola oferecer espaço de formação dos discentes para trabalharem com Educação Sexual, as professoras afirmaram que não há um momento específico para esta formação, mas que a Escola deveria promover treinamento aos discentes “pela necessidade dos dias atuais para dar suporte às disciplinas, como a de biologia, por exemplo, e matérias do curso de enfermagem.” - Docente de Sociologia

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos, através das aulas observadas, da análise dos questionários aplicados e das discussões feitas durante a aula expositiva dialogada, nos levam a concluir que a Escola ainda precisa ampliar suas propostas relacionadas à Educação Sexual, conforme recomenda os Parâmetros Curriculares. As abordagens da temática são feitas eventualmente pelos profissionais de Enfermagem, em datas específicas, e raramente em sala de aula. Logo, a Educação Sexual na escola não é feita de forma efetiva em sua transversalidade como pede os PCNs. Como reflexo disso, os discentes demonstraram um conhecimento superficial sobre as temáticas discutidas e resistência e preconceito com assuntos comumente ocultados e endemonizados.

Tendo em vista que a escola está longe de cumprir o papel que pode desempenhar na Educação Sexual e do quanto é importante para o seu desenvolvimento social e psicológico sadio, pensamos que se faz necessário, com urgência, a implementação da Educação Sexual na Escola, conforme recomenda os Parâmetros Curriculares Nacionais.

## REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena; MARTINS, José Carlos. **Políticas da Sexualidade no Cotidiano Escolar**, 2007.
- BARROSO, C. e BRUSCHINI, C. **Sexo e juventude**. Como discutir a sexualidade em casa e na escola. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- CARRADORE, V. M.; RIBEIRO, P. R. M. **AIDS, sexualidade e prevenção no espaço escolar**: algumas reflexões. São Paulo: Cultura Acadêmica; 2006.
- COSTA, Maria das Graças e MAGNO, Vângela. Educação Sexual nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio: Realidade ou Utopia, 2002. p.17.
- FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho: **Sexualidade e gênero** – Uma abordagem conceitual. IN: Ensaio sobre educação, sexualidade e gênero. / organização. Salvador: Helvécia, 2005.
- FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18.
- FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL**: diretrizes e metodologia. 4ªed. São Paulo: Casa do psicólogo, 1994.
- GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na Escola**: mito e realidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. Ed. - São Paulo: Atlas, 1996.
- MARTELLI, Andréa Cristina. Uma **Experiência pedagógica com o tema transversal Orientação Sexual**. 2009. p. 119 –133.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- OLIVEIRA, Francisco José Cabral de. DIAZ, Margarita. **Afetividade e sexualidade na educação**,



**um novo olhar.** Secretaria de Educação de MG / Fundação Odebrecht, 1998.

Parâmetros Curriculares Nacionais – (PCNs). **Tema Transversal Orientação Sexual**, 1997.

SAYÃO, Y. **Orientação Sexual na escola: os territórios possíveis e necessários.** São Paulo: Summus, 1997.